

CUNHA, Jorge, *A Ética de Jesus. (= Minima Theologica 6)*.
Leça da Palmeira: Autores de Letras e Coisas, 2015. 94 p.

Escrever para uma coleção que se quer de poucas páginas é um grande desafio para qualquer autor que queira abordar questões fundamentais e complexas. É o caso deste trabalho do Professor Jorge Cunha, que muitas vezes se vê coartado no desenvolvimento da sua reflexão por não poder discorrer demasiado e, como reconhece, ficarem algumas questões por abordar suficientemente.

Contudo, é de louvar a sua coragem e empenho por dois motivos: primeiro porque o nosso tempo prefere uma moral fragmentada, feita de casos e muitas exceções, e este é um trabalho que se debruça sobre questões fundamentais como a Consciência Moral, a natureza e origem da ordem moral e, finalmente, de como de tudo isso nos fala o Evangelho e Jesus. O segundo louvor tem a ver com a inspiração em Michel Henry, um autor muito pouco estudado em Portugal e que tem em Jorge Cunha o pioneiro em Portugal na aplicação da sua Filosofia e Antropologia ao campo da Moral.

A genialidade de Michel Henry estabelece um novo modo de pensar: a partir do invisível, como a realidade mais verdadeira, anterior à visibilidade. Henry vai mais longe na fenomenologia com a contrarredução que explica longamente em *Incarnation*¹. Esse invisível é onde cada homem se experimenta a si mesmo, revelado a si mesmo

na autorrevelação da Vida que acontece no interior e não no exterior do mundo, talvez aquilo que a Escritura define como *coração*. É aí que o homem e a criação ganham sentido e consistência e, no ápice da revelação, coincidem na parusia do invisível que é a Páscoa de Cristo.

A carne é lugar da afetividade, de todas as tonalidades, da alegria ao sofrimento, por isso, é também invisível, é manifestada não pelas estruturas do mundo, mas na fenomenologia da Vida. Toda a carne é, assim, lugar de manifestação da Vida, lugar da graça, na ipseidade de cada si, que faz a historicidade de cada homem na revelação da doação da Vida. Se quisermos, em linguagem bíblica, fazendo-o filho de Deus.

Ora, posto assim o nascimento em nós da responsabilidade, isto é, da vida como uma resposta à imanência da Vida, a consciência pode ser entendida como a *subjetividade originária e essencial que é a experiência imediata*² do Poder que define cada homem. Esse exercício que se conhece no interior, no *pathos* afetivo, na Noite. Esta palavra, *Noite*, usada pelo autor, deveria ser mais bem explicada mas, com um pouco de atenção, talvez possamos ver nela o *segredo* de que fala Jesus (Mt 6,3), ou a *noite* de Kierkegaard.

¹ HENRY, Michel, *Incarnation. Une Philosophie de la chair*, Paris, Ed. du Seuil 2000.

² IDEM, *Auto-donation. Entertiens et conférences*, Paris, Beauchesne 2004, p. 101, citado em CUNHA, Jorge, *A ética de Jesus*, Autores de Letras e Coisas, Leça da Palmeira 2015, p. 39.

A consciência moral, teologicamente, nasce nessa emergência da nossa filiação divina em cada um como *contemporaneidade com a subjetividade de Jesus*³. Talvez se deva entender contemporaneidade como conatadura. E, nesse sentido, sim, é sempre uma graça⁴.

A norma ética, dado o nascimento da consciência moral, tem a sua origem antes da Lei, ou, melhor dizendo, na Lei da Vida que faz o vivente, na filiação que nasce do e no Pai. Nesse sentido, a ética de Jesus coincide sem mácula com o Pai. Ele revela, expõe essa Lei que não se impõe⁵. O pecado, a falha à Lei, no Evangelho de Cristo, é mais denunciada que apontada e podemos entendê-lo bem como uma deficiente responsabilidade diante da Vida que nos dá todos os poderes.

Nesse sentido, a virtude de que fala o IV e último capítulo é a coincidência entre o agir e o poder da Vida, aí, no invisível de cada agir que jamais se separa do *pathos* de cada carne, do lugar onde cada homem nasce, entenda-se em sentido henryniano.

Começamos, pois, a ver nascer um novo modo de fundamentar a Moral. É esse

o objetivo do autor que nos promete ainda muito desenvolver. A ética, não como um conjunto de sentenças sobre a ação do homem, mas como matéria invisível que só pode ser vivida, e julgada, na afetividade da Vida, retirada da ambiguidade da matéria e colocada na fundação da filiação divina, não na imaterialidade dos princípios, mas na imanência de cada Homem, levada até ao fim, onde o morrer é viver, é ser tomado transparência da própria Vida.

O autor tem consciência de que esta nova abordagem é complexa e que necessita de outros complementos para se impor. Nomeadamente, precisava de um capítulo sobre a Vida, no sentido de Michel Henry, e a possibilidade de discernirmos algumas das suas leis, nomeadamente a inviolabilidade da subjetividade e a conatadura de todos os Homens, só para referirmos algumas.

É um longo caminho que agora se começa e que promete frutos que nem nós mesmos conhecemos. Essa é a dificuldade dos pioneiros como o prof. Jorge Cunha. A partir deste pequeno livro, ficamos com o desejo aberto para a riqueza que se antevê.

Fernando Rosas Magalhães

³ CUNHA, Jorge, *A ética de Jesus*, p. 45.

⁴ *Ibidem*.

⁵ Cf. *Ibidem*, p. 61.